

Da urgência intra e interdisciplinar nos estudos acadêmicos em Música¹

Simões Caldas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O presente artigo sugere um redirecionamento disciplinar dos campos de estudo em música para uma abordagem intradisciplinar e interdisciplinar. Para tal realizamos uma revisão bibliográfica (FAZENDA 2001; JAPIASSÚ 1976; POMBO 2004) sobre o tema interdisciplinaridade e discutimos a necessidade da ampliação dos impactos dos conhecimentos e pesquisas em música na universidade e na sociedade como um todo (DUPRAT, 2005; VOLPE, 2009). Assim propomos que uma abordagem disciplinar da música, enquanto campo de conhecimento, em níveis de interação intra e interdisciplinar conduzirá a uma perspectiva transdisciplinar. Dessa forma não somente o campo de estudos da música pode ser beneficiado como também pode fomentar novas problemáticas para áreas afins, ou não-afins, de conhecimento, visto que todo o sistema de construção de conhecimento caminhará em conjunto.

Palavras - chave: Interdisciplinaridade; Música; Redirecionamento disciplinar.

Abstract: This paper suggests a redirection of the disciplinary fields of study in music for a intradisciplinary and interdisciplinarity approach. To this end we conducted a literature review (FAZENDA 2001; JAPIASSÚ 1976; POMBO 2004) on the theme of interdisciplinarity and discussed the need to expand the impact of knowledge and research in music in college and in society as a whole (DUPRAT, 2005; VOLPE, 2009). Thus we propose that a disciplinary approach music as a field of knowledge, levels of intra-and interdisciplinarity interaction will lead to a transdisciplinarity perspective. Thus not only the field of study of music can be enjoyed but also can foster new problems to related areas, or non-related, knowledge, since the whole system of knowledge construction walk together.

Key-words: Interdisciplinarity; Music; Redirection discipline.

¹ Este artigo é resultado da disciplina Musicologia I, cursada no Programa de pós Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação da professora Doutora Maria Alice Volpe.

Epistemologia da interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade, enquanto campo de estudo e ação, surgiu na França e na Itália, em meados da década de 60, como resposta aos movimentos estudantis franceses de cunho marxista que buscavam um ensino engajado em questões de ordem política, social e econômica. As disciplinas, de forma isolada, apresentavam-se impossibilitadas de solucionar problemáticas complexas (Cf. FAZENDA, 1999).

Assim, enquanto a disciplinalidade significaria, em linhas gerais, verticalização e conhecimento especializado; a interdisciplinaridade impõe que cada especialista transcenda sua própria especialidade tomando consciência dos seus próprios limites para acolher as contribuições de outras disciplinas (Cf. GUSDORF, 1978, apud JAPIASSU, 1976).

No Brasil o campo de estudos interdisciplinares se desenvolveu na década de 70 tendo como percussores os pesquisadores Hilton Japiassú, que se ocupou das questões epistemológicas da interdisciplinaridade, e Ivani Fazenda, que pesquisou a relação entre interdisciplinaridade e educação.

A idéia de interdisciplinaridade do saber aparece desde a antiguidade clássica. No sistema de ensino grego as chamadas sete artes liberais eram divididas/dispostas em: *trivium* (gramática, retórica e lógica) e o *quadrivium* (geometria, aritmética, música e astronomia). Para os gregos a diferenciação do saber não significava rompimento, pelo contrário, as ciências eram vistas como um todo complexo interligado e complementar. Dessa forma, por exemplo, a música se ligava intimamente a matemática e a filosofia se conectava a física dando origem a “filosofia natural”.

No século XIX, com o advento do positivismo, surge a tendência a separação das disciplinas científicas. Na ciência moderna o conhecimento desenvolveu-se pela especialização e passou a ser “considerado mais rigoroso quanto mais restrito seu objeto de estudo; mais preciso quanto mais impessoal.” (TRINDADE, 2008, p. 67). Gasset, em meados de 1930, alertava que

Dantes os homens podiam facilmente dividir-se em ignorantes e sábios, em mais ou menos sábios ou mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser submetido a nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio porque ignora formalmente tudo quanto não entra na sua especialidade; mas também não é um ignorante porque é ‘um homem de ciência’ e conhece muito bem a pequeníssima parcela do universo em que trabalha. Teremos de dizer que é um sábio-ignorante

- coisa extremamente grave - pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, na sua especialidade, é um sábio (GASSET, 1929, apud POMBO, 2004, p. 9-10).

Diante desse quadro surge a interdisciplinaridade como forma de oposição ao saber alienado. Sua meta não é originar uma nova ciência além das disciplinas particulares, mas “uma ‘prática’ específica visando uma abordagem de problemas relativos à existência cotidiana.” (FOUREZ, 1995, P. 136)

Segundo Fazenda (Cf. 2008) a interdisciplinaridade não nega a disciplinalidade, mas oferece instrumentos para solucionar problemáticas que as disciplinas não conseguiram encaminhar isoladamente

por isso, entendemos o seguinte: cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia (...), mas nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade. Essa cientificidade, é originada das disciplinas, ganha status de interdisciplina no momento em que obriga o professor [ou pesquisadores] a rever suas práticas e a redescobrir seus talentos, no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado. (FAZENDA, 2008, p. 16)

A interdisciplinaridade tem se constituído em termo polissêmico empregado por diversos autores em diversos contextos de pesquisa, ação e produção de conhecimento. Segundo Fazenda (Cf. 2008) o conceito de interdisciplinaridade como interação entre duas ou mais disciplinas é amplo, e, portanto, não é suficiente para fundamentar práticas interdisciplinares.

Para melhor entendermos o conceito de interdisciplinaridade, julgamos importante esclarecer, inicialmente, os seguintes termos: (a) Disciplinalidade²; (b) Multidisciplinaridade, (c) Pluridisciplinaridade, (d) Interdisciplinaridade e (e) Transdisciplinaridade.

As palavras multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, possuem em sua raiz a palavra disciplina. Podemos relacionar três significados para disciplina, segundo Pombo (Cf. 2004): (1) Disciplina como ramo do

² Situamos o termo intradisciplinaridade como uma forma de disciplinalidade, visto que dialoga disciplinas de uma mesma matriz de conhecimento.

saber – Ex. Matemática, Física, Biologia; (2) Disciplina como componente curricular – apresentada como sub-disciplinas – Ex. Estudos sociais, Ciências da natureza; (3) Disciplina como conjunto de normas ou leis – Ex. a disciplina militar ou a disciplina escolar.

Conforme Japiassú (Cf. 1976) a multidisciplinaridade representa o primeiro nível de integração entre os conhecimentos disciplinares. Ela se caracteriza por uma ação simultânea de uma gama de disciplinas em torno de uma temática comum. Essa atuação, no entanto, ainda é fragmentada, na medida em que não explora a relação entre conhecimentos disciplinares e não há nenhum tipo de cooperação entre as disciplinas. Na pluridisciplinaridade, segundo nível de interação entre as disciplinas, existe a presença da interação entre os conhecimentos disciplinares, embora eles se situem em um mesmo nível hierárquico.

No que tange o conceito de multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, de forma geral, existe um consenso quanto suas bases conceituais. Assim a multidisciplinaridade é a prática de reunir disciplinas em torno de um tema comum e a pluridisciplinaridade pressupõe a existência de relações complementares entre disciplinas mais ou menos afins (Cf. FOUREZ, 2001; MORIN, 2001; ZABALA, 2002).

A interdisciplinaridade³ representa o terceiro nível de interação entre as disciplinas (Cf. JAPIASSÚ, 1976). Ela é caracterizada pela presença de uma axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que induz a noção de finalidade, onde procede uma cooperação dialógica coordenada entre as disciplina do conhecimento.

Zabala (2002, p. 33) descreve a interdisciplinaridade como sendo "(...) a interação entre duas ou mais disciplinas, que podem implicar transferência de leis de uma disciplina a outra, originando, em alguns casos, um novo corpo disciplinar, como, por exemplo, a bioquímica ou a psicolinguística". Este entendimento é também compartilhado por D'Ambrosio (Cf. 2005).

³ Japiassú (Cf. 1976), em seus estudos, identifica cinco tipos de interdisciplinaridade: (1) Heterogênia; (2) Pseudo-Interdisciplinaridade; (3) Auxiliar; (4) Compósita; (5) Unificadora. Sendo que o último nível corresponde à interdisciplinaridade "legítima", atingida através da pesquisa científica. Entretanto não nos aprofundaremos nesta discussão por não ser o objetivo central deste estudo.

Frente ao caráter polissêmico da interdisciplinaridade Morin (Cf. 2001) alerta que, em diversos momentos, pode-se entendê-la como diferentes disciplinas unidas em torno de um tema comum - cada qual sustentando seus direitos e saberes distintos; entretanto, interdisciplinaridade, como afirma, pode também significar troca e cooperação, o que torna esta relação dialógico-disciplinar mais orgânica.

A transdisciplinaridade representa um nível de integração disciplinar além da interdisciplinaridade. Dessa forma defini-se transdisciplinaridade como uma ação coordenada de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ação sob uma base axiomática geral. Tal integração permite uma análise e interpretação em contextos amplos e gerais, o que permite uma interpretação holística dos fatos ou fenômenos observados (Cf. JAPIASSÚ, 1976).

Pombo (Cf. 2004) discute que a interdisciplinaridade exige, entre outros elementos, uma convergência de pontos de vista, enquanto a transdisciplinaridade remete a um quadro de fusão unificadora.

D'Ambrosio (Cf. 2005) define interdisciplinaridade e transdisciplinaridade por meio das chamadas “gaiolas epistemológicas”, assim

são verdadeiras gaiolas epistemológicas [as disciplinas]: quem está dentro da gaiola só voa dentro da gaiola, e não mais do que isso. Somos pássaros tentando voar em gaiolas disciplinares. Surgem, obviamente, as deficiências desse conhecimento, e começamos a perceber fenômenos e fatos que não se encaixam em nenhuma das gaiolas. [...] Aí estamos dando um passo para a interdisciplinaridade, onde encontramos com outros e, nesse encontro, juntos, misturando nossos métodos, misturando nossos objetivos, mesclando tudo isso, acabamos criando um modo próprio de voar. E nascem as interdisciplinas. Essas interdisciplinas acabam criando suas próprias gaiolas. [...] As disciplinas vão se amarrando, criando padrões epistemológicos próprios, e a gaiola vai ficando muito maior. Podemos voar mais, mas continua sendo gaiola. Acho que não é demais quereremos voar mais, fora das gaiolas, sermos totalmente livres na busca do conhecimento. [...] A interdisciplinaridade é um passo muito difícil, sem o qual não se pode dar qualquer passo seguinte. (D'AMBRISIO, 2005, p. 72)

Seguindo a classificação proposta por Japiassú (Cf. 1976) temos esquematicamente:

Multidisciplinaridade

Pluridisciplinaridade

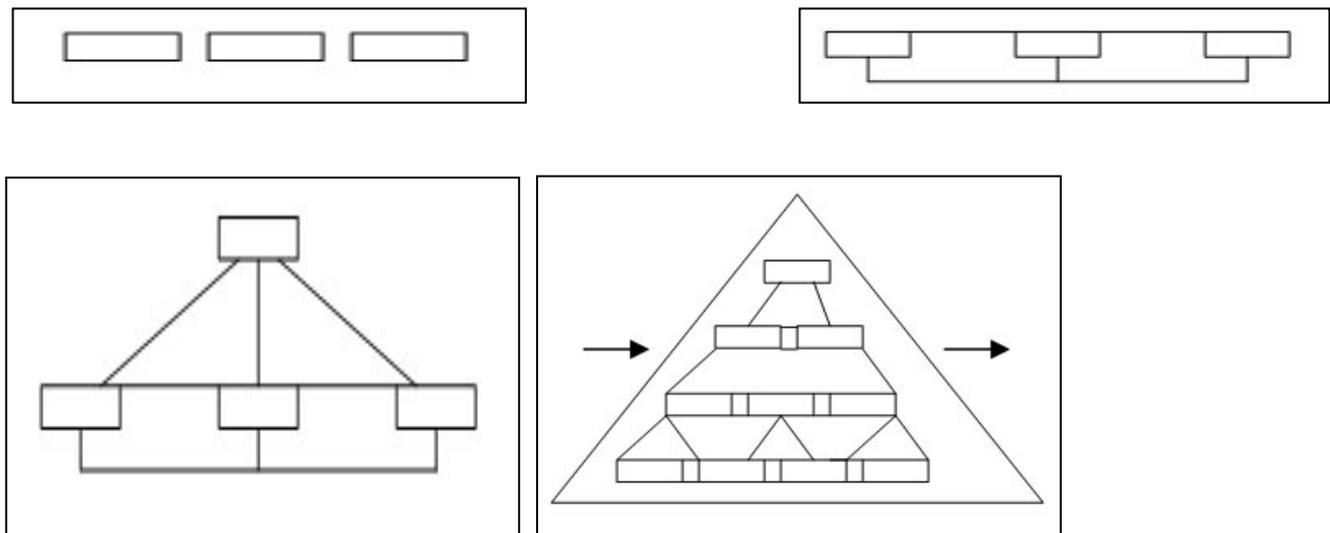


Figura 1. (Cf. JAPIASSÚ, 1976)

Pombo (Cf. 2004) propõe classificar os níveis de interação disciplinar baseado na etimologia dos prefixos. Sua classificação utiliza dois princípios: (a) aceitar os prefixos, *pluri*⁴, *inter* e *trans* enquanto três horizontes de sentido; (b) aceitar que os prefixos indicam um *continuum*, que atuam dentro de uma perspectiva de coordenação paralela do menos organizado ao mais organizado (Cf. POMBO, 2004, p. 4-5). Esquemáticamente teremos:

⁴ Para Pombo (Cf. 2001), dentro do contexto epistemológico, os prefixos *pluri* e *multi* são sinônimos.

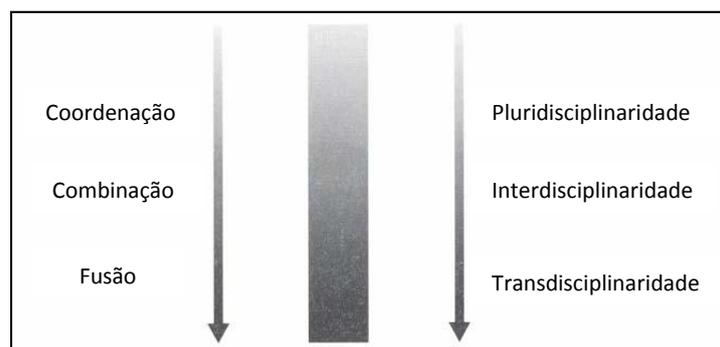


Figura 2. (Cf. Pombo, 2004, p. 05)

Dessa forma Pombo (Cf. 2004) estabelece um *crescendum* de intensidade: do (1) paralelismo pluridisciplinar ao (2) perspectivismo e convergência interdisciplinar e, desta, ao (3) holismo e unificação transdisciplinar.

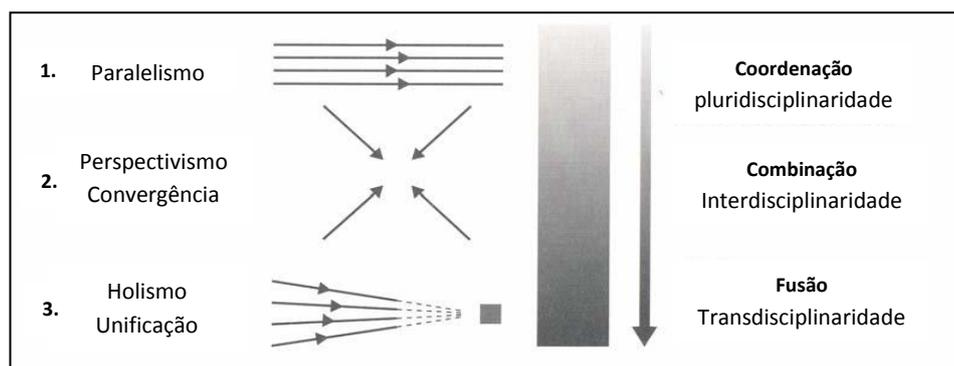


Figura 3 (Cf. Pombo, 2004, p. 6)

Ressaltamos que os diversos níveis de integração entre as disciplinas não significa negação do caráter disciplinar, visto que todos os níveis interacionais disciplinares possuem base na disciplina. Segundo Pombo (Cf. 2004) sua proposta de interação disciplinar não representa uma escala de valores, apenas, conforme já mencionado, níveis de organização disciplinar. A escolha de desenvolver propostas em determinado nível disciplinar varia de acordo com o contexto e objetivos a serem alcançados, em alguns casos, a fusão (Transdisciplinaridade) pode não ser o melhor caminho metodológico a ser escolhido.

Fazenda (Cf. 2001) e Japiassú (Cf. 1976) situam a Interdisciplinaridade no nível da ação, portanto a consideram como uma questão de atitude. A interdisciplinaridade é

uma nova forma de lidar com o conhecimento, mas esta ação também requer investigação epistemológica, ontológica e axiológica (Cf. FAZENDA, 2001). Neste sentido Japiassú (Cf. 2006, p. 27) entende a interdisciplinaridade não como uma categoria do conhecimento; mas uma categoria de ação e por isso "precisa ser entendida como uma atitude [...] sem ter a ilusão de que basta a simples colocação em contato dos cientistas de disciplinas diferentes para se criar a interdisciplinaridade".

Utilizando o postulado teórico sobre interdisciplinaridade proposto por Fazenda e Japiassú discutiremos, a seguir, questões e implicações das ações ou não-ações interdisciplinares e/ou afins no campo dos estudos acadêmicos em música.

Intradisciplinaridade, interdisciplinaridade e conhecimento em música

O estudo acadêmico em música, em linhas gerais, desenvolve-se sob as seguintes áreas de concentração: Composição, Educação musical, Musicologia (abrangendo Musicologia Histórica; Etnografia das práticas musicais; Sonologia) e Práticas interpretativas.

Kerman (Cf. 1987), ao discutir sobre as origens do termo musicologia, ressalta que, originalmente, o termo é uma adaptação do francês antigo *musicologiei*, em si mesmo um análogo do alemão oitocentista *Musikwissenschaft* (ciência da música). Tal palavra foi entendida como todo pensamento, pesquisa e/ou conhecimento dos possíveis aspectos relacionados à música⁵. Assim “[a] musicologia abrangia desde a história da música ocidental até a taxionomia da música ‘primitiva’, como era então chamada, desde a acústica até a estética, e desde a harmonia e o contraponto até a pedagogia pianística.” (KERMAN, 1987, p. 1)

Embora exista a distinção entre cada subárea dos estudos acadêmicos em música, conforme Guido Adler (1885, apud NETTL, 2008, p. 28)

todos nós que fazemos pesquisa em música em todos os seus aspectos somos membros de uma mesma profissão: musicologia. É claro que as especializações levam freqüentemente à inexistência de diálogo entre profissionais, por exemplo, entre historiadores da música e

⁵ Na prática acadêmica e no uso geral a musicologia “(...) passou a ter um significado muito mais restrito. Refere-se hoje ao estudo da história da música ocidental na tradição de uma arte superior.” (KERMAN, 1987, p. 2)

etnomusicólogos, ou entre ambos e os psicólogos que estudam a música.

Dessa maneira podemos pensar do ponto de vista ideal – pautado em sua origem etimológica (*Musikwissenschaft*), que a musicologia abrange todos os campos de estudo e áreas do conhecimento em música (Composição, Educação musical, Musicologia e Práticas interpretativas). Entretanto, apesar do desenvolvimento como campo de pesquisa, os estudos em música possuem impacto reduzido na sociedade atual. De acordo com Volpe (Cf. 2009) se faz necessária a superação do relativo isolamento em que vive a comunidade musicológica, e aqui inserimos também toda comunidade de pesquisadores e pesquisas em música, em relação às subáreas das Ciências humanas e Sociais e a própria sociedade. Sendo assim

[o] desafio de trazer os frutos da pesquisa musicológica para um âmbito de maior repercussão e relevância para a universidade e a sociedade implica, necessariamente, em viabilizar a interlocução com as comunidades [científicas], algo que tem ocorrido apenas muito esparsa e precariamente. (VOLPE, 2009, p. 2)

Neste sentido entendemos que a busca por relações intradisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares emergem como resposta a esta problemática, de modo a elaborar um discurso sobre música que transcenda as fronteiras da própria disciplina e, ao mesmo tempo, conserve as especificidades técnicas de sua linguagem.

Duprat (Cf. 2005) sugere a intensificação de atividades intradisciplinares⁶ no campo da música como forma de garantir um redimensionamento disciplinar. Neste sentido “[a] intradisciplinaridade e a transdisciplinaridade são imprescindíveis para que a música venha a ocupar o seu merecido espaço na universidade e dar a sua contribuição para a sociedade.” (VOLPE, 2009, p. 8)

A excessiva especialização do conhecimento, embora possua aspectos positivos, diminui o intercâmbio de conhecimentos entre as subáreas da música e afins. Conforme Travassos

⁶ Disciplinas contidas dentro de uma mesma área. No caso da disciplina música suas intradisciplinas são: Musicologia, Composição, *Performance* e Educação musical.

[u]ma das decorrências da especialização dos conhecimentos sobre cada uma das dimensões das músicas produzidas no Brasil é o menor trânsito entre história da música (com nítida separação entre historiadores da música erudita e historiadores do campo da música popular), etnomusicologia, teoria e análise da música. (TRAVASSOS, 2003, p. 76)

A interdisciplinaridade surge, em alguns casos, como, ação necessária ao redimensionamento conceitual de uma disciplina. No que tange os estudos musicológicos Íbero-americanos, a interdisciplinaridade permitiu repensar criticamente velhos paradigmas, forjados por visões eurocêtricas e centro-norte-americanas, conduzindo a um remapeamento teórico-conceitual e fortalecendo os estudos e a identidade da disciplina na América latina. (BÉHAGUE, 2000; GONZALES, 2008).

Conclusões

Na história do desenvolvimento da ciência podemos assinalar, em linha gerais, dois grandes paradigmas: (a) Paradigma racionalista-quantitativo; (b) Paradigma alternativo ou qualitativo. (Cf. ANTOLÍ, 1998)

O período de 1945 a 1965 se caracteriza por um retorno ao positivismo⁷. Segundo Von Wright (Cf. 1971, apud ANTOLÍ, 1998) existem duas grandes tradições científicas: (a) Tradição Hermenêutica (compreender) – privilegia as explicações dadas em termos de finalidades, de intervenções, de motivos, de razões; (b) Tradição positivista (que Von Wright denomina "galileana") - identifica a explicação científica com a explicação causal e deixa pouco espaço para as finalidades.

O positivismo busca a generalização como resultado último, a imagens das ciências naturais. O propósito positivista principal é elaborar um conhecimento objetivo e quantitativo e verificável, visando à aplicabilidade.

7 O Positivismo consiste em um método racionalista de comprovação da realidade sensível. Para esta corrente de pensamento o conhecimento científico é o único meio para se chegar a verdade. Assim sendo, desconsideram-se todas as outras formas de conhecimento humano que não possam ser comprovadas cientificamente (hipótese, método, experiência, aplicação, reformulação, aperfeiçoamento, leis gerais, teoria).

O paradigma alternativo ou qualitativo possui um enfoque hermenêutico como alternativa ao paradigma positivista. Dessa forma entende a realidade sob um véis humanístico, tal realidade não é fixa ou estática, mas sim, mutável e dinâmica. Caracteriza-se, por um intercâmbio dinâmico entre teoria (conceitos) e os dados (observações), mais que comprovar uma teoria se busca descobrir novas teorias. (Cf. ANTOLÍ, 1998).

Situamos o conhecimento em música dentro da tradição hermenêutica, embora também utilizem meios analíticos e quantitativos de pesquisa. Assim o conhecimento em Arte não possui a mesma “relevância” que o conhecimento apresentado, por exemplo, pelas ciências naturais ou exatas, com fins, predominantemente qualitativas.

Entendemos, conforme (Cf. SEVERINO, 1998), que a pesquisa, entendida como processo de construção de conhecimento, deve-se efetivar como um processo interdisciplinar, dentro da concepção postulada por Japiassú (1976) e Fazenda (2001) – categoria de atitude/ação disciplinar dialógica.

Diferentemente do postulado positivista, que tende a divisão epistemológica do saber, Severino afirma que (1998, p. 41), “(...) o saber não pode se dar na fragmentação: precisa acontecer na perspectiva da totalidade.”

Assim, acreditamos que, unindo a perspectiva intradisciplinar (Cf. Duprat 2005) e interdisciplinar (FAZENDA, 2001; JAPIASSÚ, 1976) da disciplina música, enquanto campo de conhecimento e estudo ampliaremos o impacto desta na sociedade e dentro da própria academia, conduzindo-a a uma perspectiva transdisciplinar de interação disciplinar⁸. Dessa forma não somente o campo de estudos da música pode ser beneficiado como também pode fomentar novas problemáticas para áreas afins, ou não-afins, de conhecimento, visto que todo o sistema de construção de conhecimento caminhará em conjunto.

Referências Bibliográficas

ANTOLÍ, Vicenç Benedito. A didática como espaço e área do conhecimento: fundamentação teórica e pesquisa didática. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 13. ed. São Paulo: Papyrus, 1998, p. 77-108.

⁸ Conferir Figura 1.

BÉHAGUE, Gerard. Boundaries and Borders in the study of music in Latin America: a conceptual re-mapping. **Latin American Music Review**, Spring-Summer, vol. 21, n. 1, p. 16-30, 2000.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Knowledge and human values. In: CONGRESSO MUNDIAL SOBRE TRANSDISCIPLINARIDADE, 2, 2005, **Anais...** Vitória/Vila Velha, 6-12 set. 2005.

DUPRAT, Régis. Música Popular, consumo e modernidade: uma rapsódia sócio-musical. In: BELLOTTO, Manoel et al. (Org.). **Turbulência Cultural em Cenários de Transição. O Século XIX Ibero-Americano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 231-250.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1999.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Interdisciplinaridade: dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 2001.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In: _____ (org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008, p. 17-28.

FOUREZ, G. Fondements épistemologiques pour L'interdisciplinarité. In: LENOIR, REY, FAZENDA. **Les fondements de L 'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement**. Sherbrooke — Canadá: Editions du CRP/UNESCO, 2001.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**. São Paulo: Unesp, 1995.

GONZALES, Juan Pablo. Los estudios de música popular y la renovación de la musicología en América Latina. **Revista Transcultural de Música**, Chile, n. 12, 2008. Disponível em: <<http://www.sibetrans.com/trans/trans12/art15.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

GUSDORF, Georges. Prefácio. In: JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KERMAN, Joseph. **Musicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MORIN, Edgar. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NETTL, Bruno. Antropologia da Música / Antropologia Musical. In: ARAÚJO, S.; PAZ, G.; CAMBRIA, V. (org.). **Música em debate: Perspectivas Interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 25-30.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In: PIMENTA, Carlos (org.). **Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade**. Porto: Campo das Letras, 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/portofinal.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: O saber como intencionalidade da prática. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 13. ed. São Paulo: Papirus, 1998, p. 31-44.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Esboço de balanço da etnomusicologia no Brasil**. Revista Opus, n. 9, p. 73-86, 2003.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, Ivani (org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008, p. 65-83.

VOLPE, Maria Alice. **Musicologia Ibero-Americana: problemas teórico-conceituais e o impacto social da produção do conhecimento**. Anais do III Encontro de Musicologia de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 4-7 março, 2009. (no prelo).

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**. Porto Alegre: Artmed, 2002.